

SXI



Jornal Interescolar

N.º 7 - 2021 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição da Câmara Municipal do Seixal



Escola Básica Nossa Sr.ª do Monte Sião: 4.º A (professora Silvia Guerreiro)

Editorial

O *Jornal Interescolar* do ano letivo 2020-2021 aborda o tema «Educação e Arte» por encerrar em si valores fundamentais que importa defender, sobretudo em tempos de pandemia. A cultura, e em particular a arte, convoca ao multiculturalismo, requer diálogo, reconhecimento de diferenças, tolerância e comunicação entre culturas para enriquecimento recíproco.

A educação pela arte apela a estratégias pedagógicas que implicam o desafio do pensamento artístico. Nesta perspetiva, e não obstante os efeitos da covid-19 e do confinamento que conduziram a uma forte necessidade de ajuste e adaptação, professores e alunos de escolas do nosso concelho aceitaram o convite especial para, neste ano particular, participarem na edição deste projeto do *Jornal Interescolar* sobre temas tão importantes como o papel imprescindível da arte e da cultura nas nossas vidas e de como a arte

e os artistas intervêm em defesa de um mundo mais justo e livre.

A implementação de programas que exploram a visão para a sensibilidade estética e o livre exercício da curiosidade tem merecido particular atenção no nosso Plano Educativo Municipal (PEM). Tão universais como os direitos, liberdades e garantias, queremos, através do PEM, que os direitos culturais e artísticos possam assumir projeção diversificada e que todos usufruam da arte como expressão de liberdade.

No ano em que se comemora o 47.º aniversário do 25 de Abril, mantém-se viva essa esperança inabalável de um povo em construir uma sociedade livre, justa e criadora em que se afirmem direitos fundamentais como da educação e do seu papel primordial e eficaz em potenciar a formação de indivíduos que sejam capazes de enfrentar os desafios com que as sociedades os

confrontam ao longo da vida.

Certificamos que está vivo o interesse dos alunos e professores do nosso concelho em mostrar que a educação da sensibilidade estética é de fundamental importância. A arte está presente nas suas ações concretas e nos contri-

butos repletos de criatividade. A forma como a arte pode ser valorizada e percebida faz parte da transformação do mundo em que vivemos, só possível em tempos de paz, democracia e liberdade que, uma vez mais, celebramos em Abril.



Joaquim Santos
Presidente da Câmara Municipal do Seixal

Escola Básica Nun'Álvares

Somos artistas de palmo e meio

No ano letivo 2019-2020, a turma do 4.º A e a Sala B do pré-escolar da Escola Básica e Jardim de Infância do Monte Sião dinamizaram um projeto de educação pela arte que teve como bússola a exploração intergeracional de vários artistas

(Vincent Van Gogh, Romero de Britto, Andy Warhol, Frida Kahlo, Keith Haring).

Um Pintor por Mês

proporcionou a ambas as turmas a pesquisa e a reflexão partilhadas sobre diferentes obras e movimentos artísticos, bem como a construção de desafios de expressão plástica e de expressão escrita. Para conhecer

melhor a natureza deste projeto, a equipa de jornalistas da Nun'Álvares Informação realizou uma reportagem fotográfica e um pequeno ciclo de entrevistas abertas aos alunos do pré-escolar e do 4.º ano, e respetivos docentes. Foi um caminho de procura de sentidos e de encontro de perspetivas sobre as experiências artísticas vividas.



Lembram-se de alguns pintores que trabalharam neste projeto?

- O Romero de Britto.
- O dos girassóis... Van Gogh.
- Nós estamos a trabalhar a Frida (Kahlo).



E agora uma pergunta para a educadora: na sua opinião, qual a importância de utilizar a arte na educação pré-escolar?

É muito importante, porque as crianças aprendem a brincar. Por exemplo, num próximo projeto vão trabalhar as formas geométricas através da arte. Trago vários quadros e eles depois vão fazer descobertas, porque os meninos gostam de pintar, gostam de cor. E é muito divertido para eles aprender através das cores.

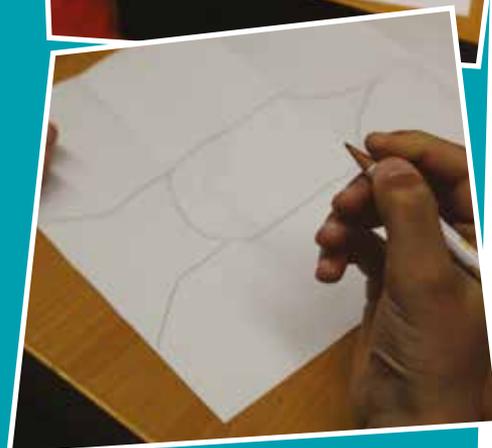
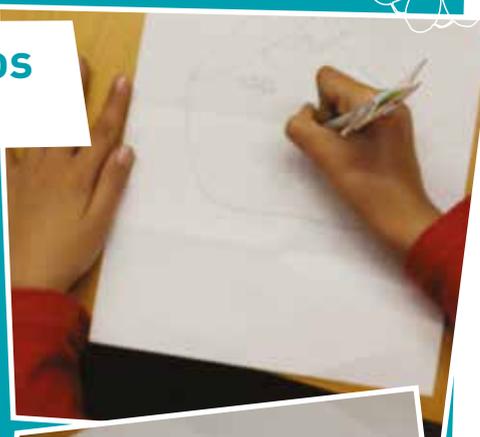
Entrevista aos alunos do pré-escolar

Para vocês o que é a arte?

- São coisas bonitas.
- É desenhos.
- Os pintores poderem pintar.
- A arte para mim é divertir-me.
- A arte é querer brincar.
- Para mim a arte é alegria.

O que é que vocês sentem quando estão a pintar, ou quando estão a fazer algum desenho?

- Alegria.
- Sentimos que estamos dentro do desenho.



Entrevistas aos alunos da turma do 4.ºano

Para vocês o que é a arte?

- É a imaginação das pessoas.
- É criatividade.
- É uma forma de entretenimento.
- É uma forma de aprendermos, mas divertirmo-nos ao mesmo tempo.



O que é que vocês sentem quando estão a pintar, ou quando estão a fazer algum trabalho artístico?

- Sinto felicidade e criatividade.
- Sinto que aprendo novas coisas quando pinto.
- Criatividade e emoção.



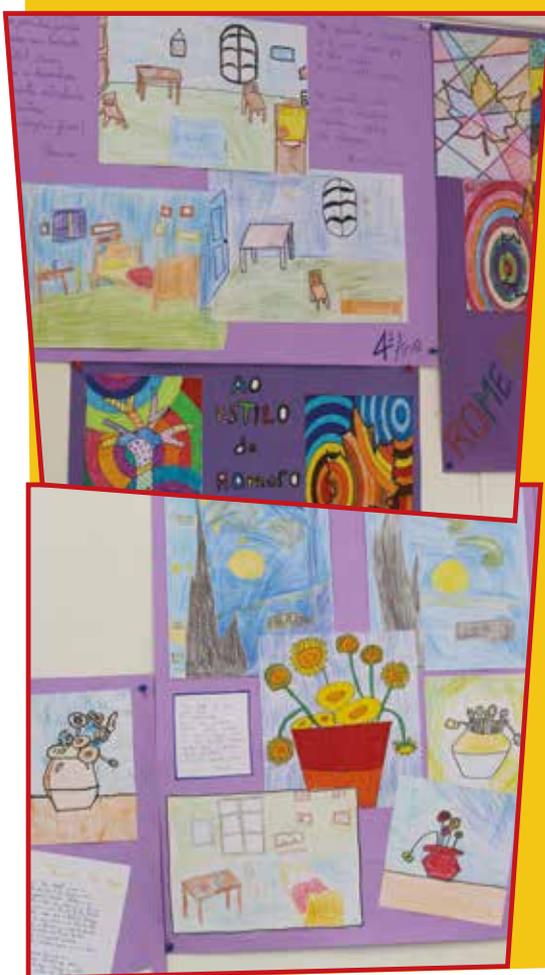
Vocês gostam de trabalhar com a arte?

- Sim, porque é muito divertido estar a aprender aquilo que não sabemos.
- Sim, porque usamos muito a imaginação.
- Sim é muito divertido, eu as vezes até faço em casa alguns projetos.



O que sentem ao trabalhar neste projeto com os meninos do pré-escolar?

- É divertido.
- É fixe.
- Podemos ensinar aquilo que já sabemos.
- Quando estamos a ensinar aos meninos da pré parece que eles se sentem melhores a desenhar, a aprender.
- Sentimos que somos professores porque ensinamos a desenhar.
- É engraçado.



E agora uma pergunta para a professora: na sua opinião, qual a importância de utilizar a arte na educação?

É uma forma de ensinar de maneira diferente. Divertindo-se e saberem mais, terem mais conhecimentos. Também conhecerem um pouco a história da arte, de como começou. Das pinturas rupestres até à atualidade, à pintura contemporânea. A pintora que estamos a trabalhar agora é a Frida Kahlo, e já trabalhámos o Romero de Britto e o Vincent Van Gogh. Por exemplo, a partir de vários quadros do Romero de Britto eles criaram um livro em harmónio. Cada um escolheu um dos quadros e trabalhou um texto ou uma história. Agora estão já num processo de escrita criativa sobre a Frida Kahlo, e posso ler um exemplo:

«Frida, Frida, que vida sofrida
Mas nem por isso deixou
de pintar
com cores alegres
de encantar
com flores deslumbrantes
e brilhantes»

Outro projeto que a turma fez sobre a cor, e construiu o livro «Poemas do Arco-Íris» em que cada cor tem o seu poema.

Poemas sobre a cor (alunos do 4.º ano)

Azul
Cor do céu e do mar
Azul
Cor de brincar, dançar
também de rir e de pensar
Verde é cor da natureza
que torna tudo uma beleza
verde é a minha cor preferida
porque é a cor da vida
Verde cor de esperança
até parece uma dança
é a nossa herança
Não podemos ter ganância
para a nossa lembrança
Anil, anil
tem um grande perfil
como o céu de abril
que encanta mil

Existe na natureza
a olhar uma flor
vejo uma beleza
como um beija-flor
Violeta, violeta
que atrai as borboletas
como uma doce suavidade de um
belo lírio
como uma margarida
terno e delicado como o jasmim
Por isso te dou somente uma flor
o mais e belo ramalhete
que cheira a sabonete
só para ti com muito amor
Amarelo é a cor do sol
uma linda cor
amarelo cor do ananás e do limão
é do arco-íris no céu
e a minha cor preferida

E o que é que vocês aprendem com eles?

- A cuidar, ter paz e a não gritar.
- Nós aprendemos com eles que não é para fazer tudo a sério, temos de levar também um pouco a brincar.



Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Arte na Dr. António Augusto Louro



As obras artísticas da nossa escola representam os valores a transmitir aos alunos, como a amizade e a igualdade.

Ninguém que se aproxime da Escola Básica Dr. António Augusto Louro fica indiferente à grande escultura que se impõe ao olhar: *Sinal*, de Helder Batista. Para uns, um conjunto de «rolos de papel de cozinha e de papel higiénico gigantes», em ferro; para outros, um bom exemplo de escultura pública, bem representativa da ligação da escola ao meio. Mas não é obra única! Nesta escola, espalhadas por diversos pontos, podemos encontrar várias obras artísticas, que vão desde pinturas em azulejo, umas de autor, outras feitas por alunos, a esculturas, pinturas, entre outras. Muitas delas representam os valores a transmitir aos alunos que a frequentam, como

a amizade e a igualdade. Também pelos diferentes pavilhões e salas, podemos ver outro tipo de trabalhos em que se apelou à criatividade, entre os quais textos, desenhos e peças em 3D, a propósito de temas das diversas disciplinas. Em Educação Moral Religiosa Católica, por exemplo, a professora propõe, todos os anos, na altura do Natal, que os seus alunos façam presépios, sendo que os melhores são expostos no Pavilhão A. Além desta, outras datas festivas são igualmente pretextos para trabalhos artísticos, como o Halloween, o dia de São Valentim, etc. Além disso, a escola oferece várias disciplinas ligadas às artes, logo desde que os

alunos entram no 5.º ano, como forma de lhes inculcar, desde cedo, o gosto por várias formas de expressão. Assim, temos disciplinas como Educação Visual, Educação Tecnoló-

gica, Artes e Espetáculo e Educação Musical. E existe ainda a possibilidade de os alunos frequentarem aulas extracurriculares nesta área, como é o caso dos clubes Desenhar, Recortar, Pintar

e Outras Artes Acabadas em Ar e o Clube de Teatro! Na nossa escola, a arte está sempre presente.

Leonor Fiães



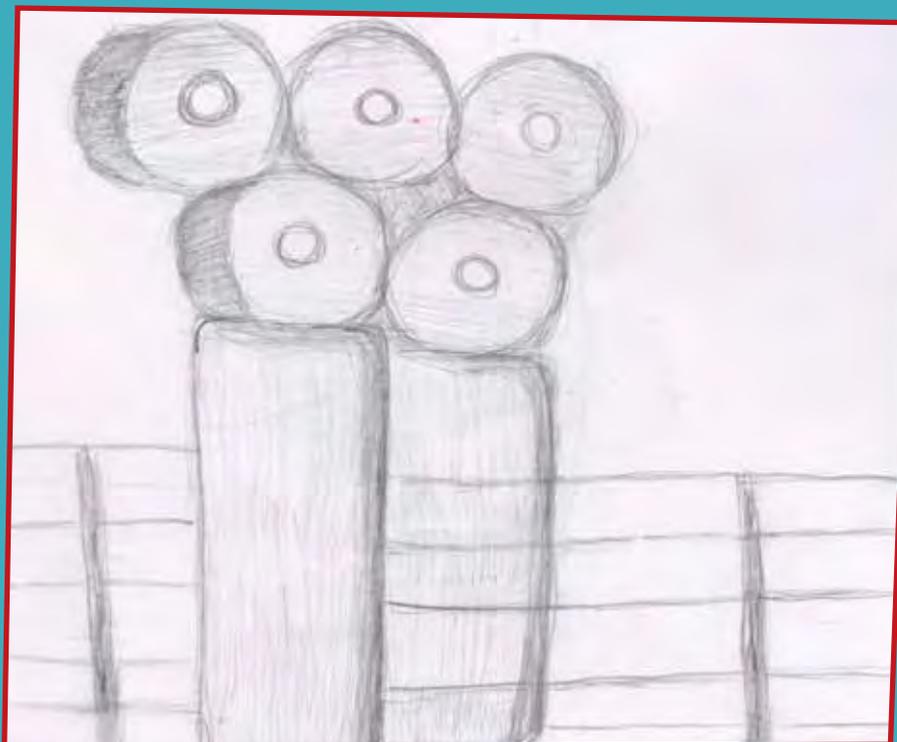
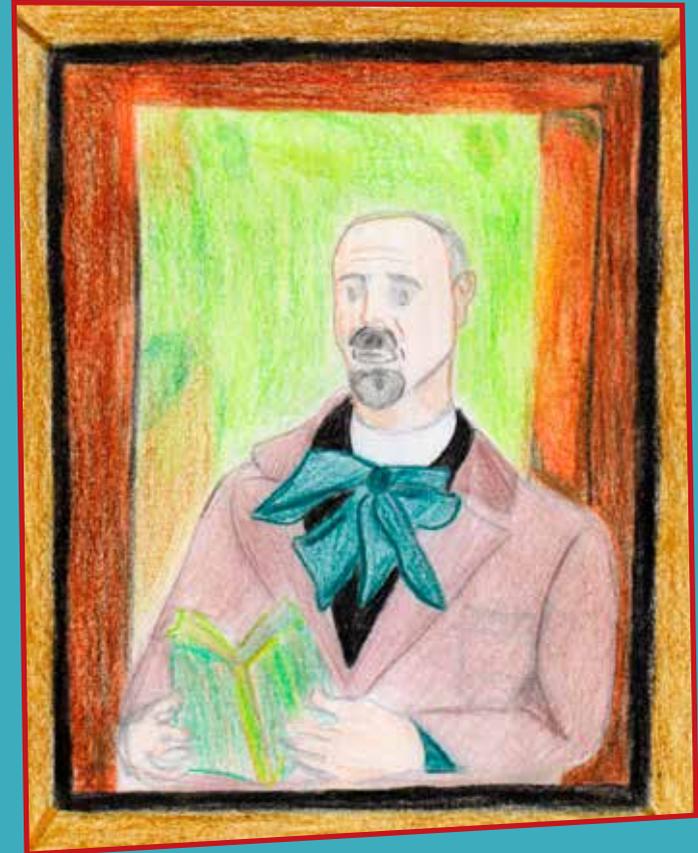
Sinal, de Helder Batista, 2001



Em jeito de roteiro

Helder Batista, um importantíssimo escultor, professor e medalhista, disse ter ficado encantado e admirado com todo o material presente na Siderurgia Nacional, em Aldeia de Paio Pires, e começou de imediato a pensar numa maneira de o poder utilizar numa obra sua. Foi então que, em 2001, surgiu a obra mais emblemática da nossa escola, *Sinal*, uma escultura com 4x8x5 metros, em ferro, que simboliza a importância da construção de «pontes» entre a escola e a comunidade em que está inserida, para que assim os jovens se tornem excelentes cidadãos. Desde pequenas, as crianças são incentivadas a envolverem-se em projetos artísticos, assim como a utilizarem a arte como uma forma de comunicação e expressão. Dessa forma, ao longo dos anos, vão adquirindo a capacidade de se expressarem através da mesma, uns de maneira simples e abstrata e outros de maneira mais pormenorizada e realista. Promovendo a expressão artística, a Escola Básica Dr. António Augusto Louro ilustra e expressa os seus princípios e as suas bases através da mesma.

Se nos dirigirmos ao pavilhão principal, vamos encontrar um painel de azulejos, realizado por alunos, com o rosto do Dr. António Augusto Louro, o patrono, colocado na fachada do edifício. Em seguida, se entrarmos no pavilhão, iremos observar inúmeros trabalhos, também realizados por alunos, e expostos na Galeria Pedro



de Sousa, tal como acontece nas salas dos restantes pavilhões. Além destas experiências artísticas, podemos encontrar também, por toda a escola, várias obras de autor, sobretudo quadros, que vale a pena visitar. A não

perder também, o núcleo museológico Dr. António Augusto Louro, com inúmeras peças realizadas pelo próprio patrono, tais como cartilhas, lições, reflexões e discursos, todos realizados em letra manuscrita, e bem desenhada, e relacionados

com a alfabetização. Para finalizar este roteiro, uma reflexão da minha parte: acho que devíamos todos estar gratos a todos estes autores, por terem tornado a sociedade naquilo que é hoje em dia e por incentivarem

mais pessoas a fazerem o mesmo, contribuindo para que os jovens se tornem melhores pessoas e continuem a fazer o mesmo com outras gerações.

Rita Paulino



Escola Básica Carlos Ribeiro

I'm a Rock Star

I'm a Rock Star é um projeto musical da Escola Básica Carlos Ribeiro, com o grupo Chá dos 5, coordenado pela prof.^a Cristina Pereira, de Educação Musical, e pelo prof.^a Paulo Rodrigues e um coro formado por mais de cem alunos do 7.º ao 9.º ano. Além dos oito concertos anuais, nas Festas de S. Pedro, no Seixal, realizaram mais três, de Natal. O nono concerto seria em 2020, anulado pela pandemia.

O objetivo é promover, nos jovens, o gosto pelas expressões artísticas e valorizar o património musical.

Com um repertório muito diversificado, este coro leva ao palco grandes *hits* de rock, enriquecido por coreografias, adereços e boa disposição. Para eles, o «céu é o limite».

Estivemos à conversa com a prof. Cristina Pereira e Daniela Silva, uma das alunas que integra o I'm a Rock Star e que frequenta o Conservatório de Lisboa na especialidade de canto.

Prof. Cristina Pereira, como surgiu a ideia deste projeto?

No primeiro ano que trabalhei nesta escola sugeri ao prof. Paulo fazer um concerto de rock na escola, com música gravada, para a festa de final de ano, ao que este contrapôs que seria interessante apresentar um espetáculo com música ao vivo, nas Festas de S. Pedro no Seixal.

O que gosta mais neste projeto?

Tudo. A escolha de repertório, organização do grupo, preparação das músicas adaptadas ao projeto, os ensaios, a excitação dos alunos por fazer algo tão único e a ligação que se estabelece entre o coro e a banda. E, claro, o resultado final.

Como são escolhidos os repertórios a serem trabalhados?

Há anos que faz sentido fazer um repertório temático, como por exemplo a celebração dos 40 anos do 25 de Abril, ou um concerto de homenagem aos Queen. Há anos em que fazemos uma compilação de êxitos nacionais e internacionais do rock.

Quanto tempo demora a preparação de um espetáculo?

Quando começam os ensaios com o coro, este projeto já tem meses de trabalho. Com o coro e banda, no mínimo são precisos 3 meses.

O I'm a Rock Star é importante para os alunos? O projeto incentiva-os a continuar a cantar?

Sei que é importante. Este é um projeto original que proporciona experiências únicas. Poder trabalhar com uma banda ao vivo, ensaiar e ver a evolução até ao concerto, atuar à frente de centenas de pessoas e revelar o lado artístico de cada um, que a maioria das famílias desconhecia. Podemos ainda falar das amizades que nascem ao longo do processo, da responsabilidade que têm de assumir ao entrar num projeto destes... enfim, tantos motivos que o tornam algo especial.

O envolvimento dos alunos é de tal forma intenso que desencadeia uma profusão de emoções no público! A alma que eles põem na



voz é palpável! Muitos dos nossos coristas cresceram com o I'm a Rock Star. No coro ainda há elementos da 1.ª edição. Já têm 22 anos, estão em cursos universitários e continuam a acreditar no projeto e a querer fazer parte dele. Alguns seguem música como formação profissional, outros fazem parte de bandas ou são compositores. Sem dúvida, o I'm a Rock Star foi um fator decisivo para a escolha desse percurso.

Daniela Silva, sabemos que o I'm a Rock Star foi uma experiência muito importante para ti. Como é que este projeto te incentivou a entrares no Conservatório Nacional de Música?

Eu diria que os meus pais e a professora Cristina foram as pessoas que me ajudaram a progredir.

Quando era pequenina gostava muito de cantar, sonhava ser cantora. A primeira vez que pisei um palco foi no Cantafest, um concurso de canto da nossa escola. O I'm a Rock Star foi muito importante, pois ajudou-me a crescer. Não é só um coro, mas uma família. É uma experiência maravilhosa, inesquecível e cheia de emoções que vale... por tudo! Entretanto, eu já cantava como solista de uma orquestra, mas o I'm a Rock Star deu-me forças para ir para o Conservatório. O I'm a Rock Star é vida! Quando alcançar o meu sonho, lembrarei que tudo começou no coro da minha querida escola.

Constança Teixeira e Mariana Gonçalves

Conhecer a cidade

À descoberta do património

Dia 18 de outubro de 2019, 8 horas da manhã. Quatro turmas de 8.º ano juntaram-se no portão da EB Carlos Ribeiro para realizarem uma visita de estudo, de Educação Visual, promovida pela Biblioteca Escolar. Objetivo: conhecer o património cultural local.

De autocarro ou de bicicleta, saímos em direção à Baía do Seixal.

Primeira paragem: Quinta da Fidalga. Visitámos a Oficina de Artes Manuel Cargaleiro, onde vimos várias das suas obras, realizámos uma atividade de desenho com *stencils* que tinha por base os padrões de azulejo do mestre Cargaleiro e fizemos uma visita guiada aos jardins.

Depois, saímos em direção ao Seixal, com indicações

para fotografarmos ruas, praças, fachadas dos edifícios, guardas de varanda, azulejos, aves, barcos – elementos que definem o nosso património local e que fazem do Seixal um lugar único.

Já de regresso, visitámos o Núcleo Naval do Ecomuseu Municipal, onde vimos miniaturas de embarcações típicas do Tejo e os ins-

trumentos, ferramentas e técnicas para a construção naval tradicional.

Nas semanas seguintes, desenhámos as fachadas dos edifícios que fotografámos e construámos a maquete da Praça Luís de Camões e do Largo da Igreja. Todo esse trabalho seria a base do nosso projeto artístico: criar uma imagem que fizesse referência a diversos ele-

mentos no nosso património local e que pudesse ser projetada sobre as fachadas dos edifícios.

Foi uma experiência muito diferente do habitual, que nos permitiu aprender mais sobre o nosso património, de forma divertida e criativa.

Carolina Mineiro, Matilde Matos e Miguel Estremoz, 8º ano.



Edis One

Educação pela arte

A arte pode ser expressa de várias maneiras e a arte na educação desperta a capacidade de criação e ajuda na expressão de sentimentos. Nos dias de hoje, somos cada vez mais surpreendidos com os mais variados *graffiti* e desenhos espalhados pela cidade, verdadeiros museus a céu aberto. Integrado no projeto Arte Dá-te Mural, promovido pela *Moche*, em setembro de 2019, o artista de rua Miguel Marques, conhecido como Edis One, foi à nossa escola partilhar o seu conhecimento com os alunos num *workshop* sobre o processo criativo, o percurso artístico e profissional, e deixou a sua marca.

O tema proposto pela escola

foi «Direitos Humanos» e Edis One correspondeu ao desafio da melhor forma. A escola ficou mais rica com um mural de arte urbana.

A meio da tarde, depois de Edis One ter terminado o mural, fomos entrevistá-lo e quisemos saber mais sobre a sua obra e o seu trabalho.

Numa entrevista, que deu em fevereiro do ano passado, disse que a rua é a melhor galeria que podemos ter. Porquê?

A arte que eu faço vem da rua e onde conseguimos obter maior visibilidade para as nossas obras é na rua. Então, por vezes, nós, artistas de rua, conhecemos melhor as ruas do que muitos publicitários que passam o

dia fechados dentro de um ateliê. Nós conhecemos a rua, pintamos na rua e sabemos aquilo que mais chama a atenção.

De onde surgiu a ideia de trabalhar com materiais tipicamente portugueses?

Então, basicamente, hoje em dia nós somos cada vez mais competitivos, ou seja, é preciso sermos originais no nosso trabalho, é preciso destacarmo-nos pela nossa criatividade e esta foi a maneira que eu arranjei de chamar a atenção para o meu nome artístico e para a minha arte.

De que forma é que acha que o *graffiti* e a *street art* podem enriquecer a nossa cultura?



Eu acho que vemos murais de outros artistas vai acabar sempre por nos enriquecer, acaba por ser cultura... e, não só de outros artistas, qualquer coisa que nós vemos na rua absorvemos e isso influencia o nosso trabalho e a nossa vida. Agora, a arte urbana tem um poder muito grande, de chamar

a atenção para qualquer tipo de causa e isso pode enriquecer a nossa cultura. Pode ajudar-nos a perceber diversos problemas ao ver murais pintados, em muros, em prédios e em variadas as superfícies.

Catarina Gonçalves, Inês Costa e Rita Gonçalves

Chá com Beijinhos

O Chá com Beijinhos é um projeto da nossa biblioteca escolar, para os alunos do 7.º ano, que se realiza, anualmente, nos dias 13 e 14 de fevereiro, pelo S. Valentim (pois são muitas turmas de 7.º ano para um só dia). O tema abordado é «A Amizade e o Amor». No Chá com Beijinhos há várias atividades que cada aluno pode desenvolver. Perguntámos ao professor Paulo Rodrigues (o professor bibliotecário) qual é o objetivo desta atividade... «O Chá com Beijinhos é um pretexto para se falar de amor. Muitos dos nossos jovens sentem algum desconforto em se expressarem sobre este tema, em particular das relações

que ganham um significado especial (colorido) com colegas ou amigos. Assim, existe sempre um momento de reflexão e partilha que tem como ponto de partida uma curta-metragem. Analisamos os comportamentos das personagens do filme e “generalizamos” para os comportamentos da turma e dos alunos das turmas.» «Existem imensas formas de falar de amor, muitas que fazem parte do nosso quotidiano (felizmente). O Chá com Beijinhos desafia os alunos a expressarem-se de formas diferentes e é assim que surgem as atividades relacionadas com a arte e a literatura.» Há atividades que se vão mantendo ao longo de

vários anos, como por exemplo a escrita e a leitura de poesia (com o apoio das professoras de Português), o cantar ou tocar uma canção de amor ou o concurso O Melhor Bolo de Amor do Mundo. Todos os anos existem novidades e este ano (2020) a proposta passou pela realização de *pop-ups*. Em anos anteriores os nossos alunos experimentaram fazer lenços dos namorados, corações em *origami*, *graffiti (stencil)* e muitos outros. Como não participámos nesta atividade, porque estamos no 6.º ano, resolvemos entrevistar algumas colegas de outros anos curriculares e que nos deixaram as suas opiniões.



Catarina Gonçalves: «Gostei bastante pelo facto de cada um se poder expressar à sua maneira. Havia pessoas a cantar/ tocar, ler poesia e houve quem fizesse e trouxesse bolos feitos por si, e isso tudo são diferentes formas de se expressarem, o que é bastante interessante.»
Rita Gonçalves e Inês Costa: «É uma atividade muito

bem organizada, na qual conseguimos ver e apreciar alguns talentos dos nossos colegas. No fim, temos a prova dos bolos e também costuma haver um concurso de canecas personalizadas.»

Carolina Ferreira, Laura Silva, Leonor Oliveira e Madalena Ribeiro, 6.º ano

Escola Secundária Dr. Alfredo dos Reis Silveira

A dimensão artística na ESARS

Ao longo do ano letivo de 2020-2021, professores da Escola Secundária Dr. Alfredo dos Reis Silveira (ESARS) orientaram diversos trabalhos, não só em aulas especificamente de dimensão artística, como Educação Visual (prof.^a Tânia Siopa) e turmas do Curso Profissional de Apoio Psicossocial (prof. João Casaca), mas também em Cidadania do 3.º ciclo do ensino básico (prof.^a Carla Carriço) e de Educação Moral e Religiosa Católica (prof.^a Márcia Poupinha). Os alunos, do 7.º ao 12.º ano, desenharam frutos e legumes, a propósito do Dia Mundial da Alimentação; construíram presépios e postais de Natal, simulando vitrais; idealizaram calendários de Advento, com

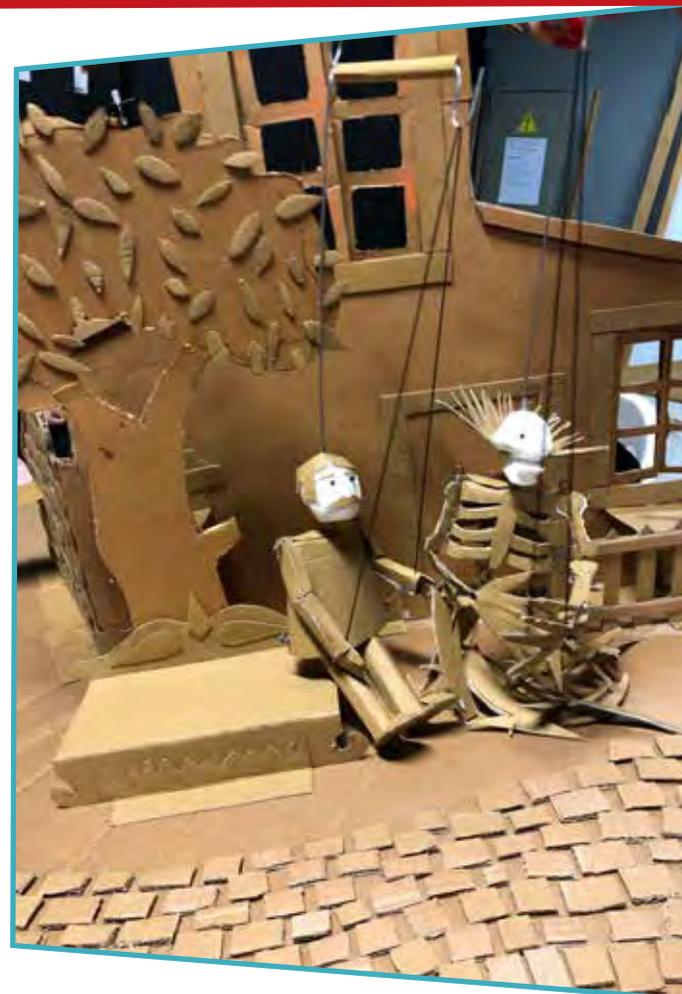
enigmas e brindes para cada dia que antecedeu essa época festiva; fabricaram jogos didáticos que, não fora o contexto pandémico, teriam sido aplicados a crianças do 1.º ciclo; representaram ilusões óticas, dramatizaram contos tradicionais e prepararam espetáculos com marionetas.

Num trabalho de que apenas se apresenta uma amostra nesta edição do *Jornal Interescolar*, a ESARS reuniu trabalhos de mais de 70 alunos, orientados por quatro professores em 13 turmas. A fotomontagem sobre o quadro *A Noite Estrelada*, de Van Gogh, tem o cunho artístico da prof.^a Marisa Silva e a coordenação e articulação com a autarquia é da res-

ponsabilidade da Biblioteca Escolar.

E porque a literatura é também uma expressão de arte, registe-se ainda uma sessão evocativa do Dia Mundial da Poesia, dinamizada pelo prof. Luís Parrado, e a recriação de «Dois contos fora da caixa», pela prof.^a Rosário Pereira, celebrando a Semana da Leitura, em março, na qual não faltaram os adereços, os harmoniosos pássaros em 3D e uma enigmática varinha mágica, a ligarem magistralmente os domínios das artes virtuais e verbais, mesmo por videoconferência, em sessões nas quais arte e literatura funcionam como bálsamos libertadores a uma só voz.

Maria Carla Crespo
Professora bibliotecária



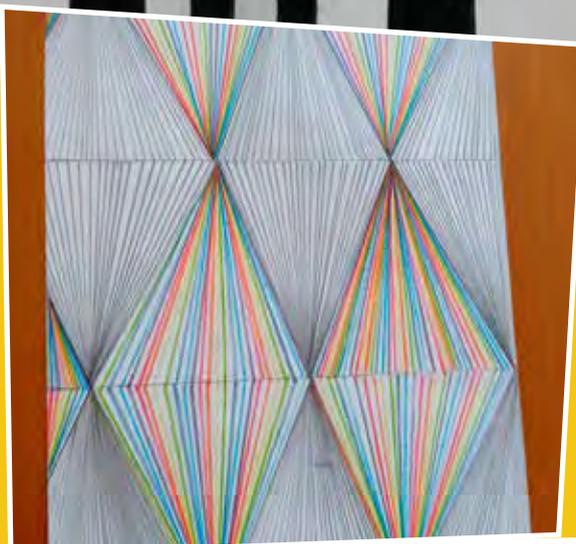
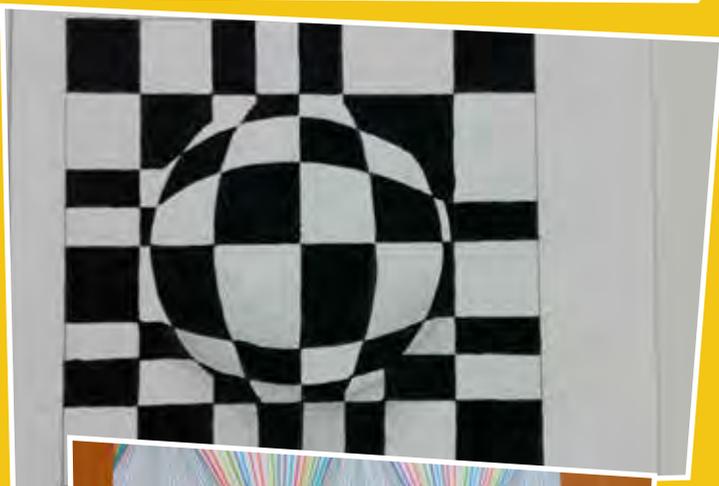
Dia Mundial da Alimentação



Exposição de jogos didáticos



Ilusões de ótica



Presépios



Escola Secundária Dr. José Afonso

A palavra aos artistas

Da nossa escola têm saído, ao longo dos anos, alunos que conseguiram contrariar a ideia de que não é possível viver da arte. São hoje reconhecidos em diversas áreas, alguns até a nível internacional, como o Alexandre Farto, aka VHILS. Alguns deles gentilmente aceitaram «regressar» ao seu tempo de escola e falar-nos da importância que esta teve nos seus projetos de vida. Através desta entrevista, procurámos perceber as motivações, as expectativas e as dificuldades da escolha do percurso académico de formação artística e como isso se refletiu nas suas vias/opções profissionais e na sua formação como indivíduos e cidadãos. Queremos salientar a importância do curso de Artes Visuais e da Educação pela Arte, nas suas várias formas e possibilidades na escola, e mostrar a validade da escolha desse percurso académico para a realização pessoal e profissional.

O que é que o(a) levou a escolher o curso de Artes Visuais? Quais eram os seus objetivos quando escolheu o curso de artes? Foram alcançados, houve dificuldades? Se voltasse atrás, faria uma escolha diferente?

Alice Rolão (AR) – Estava muito indecisa entre Artes Visuais e Ciências. Acabei por escolher Artes Visuais porque tinha especial interesse por Design Gráfico. Tirei uma licenciatura em Desenho na qual aprendi imenso e tive a oportunidade de melhorar e desenvolver as minhas capacidades artísticas. Não voltaria atrás com a minha escolha, não sei se seria feliz a fazer outra coisa.

Ana Patrícia Martins Varela (AV) – Na altura tinha pouca informação sobre o mercado de trabalho, mas sabia que gostava de desenhar. A dificuldade maior – e aquela que agora me levou a voltar a estudar – foi a dificuldade em arranjar trabalho regular e bem pago dentro da área. Mesmo assim não faria uma escolha diferente.

Bárbara Lopes (BL) – Só sabia que gostava de desenhar e pintar e nunca me dei ao trabalho de descobrir o que podia fazer na «vida real» em termos profissionais. Pensava em expor e vender quadros, mas descobri que não tinha personalidade para isso. Tirei Pintura na faculdade e se fosse agora talvez mudasse para Design Gráfico. Tem saídas mais acessíveis.

Catarina Távira (CT) – Em casa, esse gosto [pelas artes] era apoiado e desenvolvido: aos 12 anos entrei para aulas de pintura que continuaram até aos 17. O meu primeiro objetivo ao entrar no curso de artes foi experimentar tudo, técnicas, materiais e formatos. Depois, o objetivo modificou-se para o aperfeiçoamento das técnicas e o desenvolvimento da cultura visual.

Filipa Almeida (FA) – Estava dividida entre Artes Visuais e Ciências e Tecnologias, mas algo mais forte me cativava nas Artes Visuais. Os meus objetivos eram seguir Arquitetura, apesar de sempre ter adorado moda. Odiei o curso

de Arquitetura e, depois de um ano, decidi ir para o curso de Design de Moda. Não faria nada diferente. Gostei do curso de Design de Moda e hoje sou *stylist*/produtora de moda: faço *styling* para vídeos, televisão, editoriais de moda, guarda-roupa de publicidade e visto pessoas para eventos.

Rui Ferreira (RF) – Desde cedo demonstrei uma grande paixão e interesse pelas artes, pelo que na altura de escolher era praticamente o que fazia sentido. Na altura os meus pais falaram da António Arroio, mas ainda bem que acabei por ir para a José Afonso, a escola que mais me marcou. Esta será sempre uma segunda casa pelo grande impacto que teve na minha vida e que se estendeu bem além da vida académica. A minha ideia sempre foi desenhar cada vez melhor e aprender sempre mais e tudo o que queria na altura foi concretizado. Acabei por ir para a Faculdade de Belas Artes. Dificuldades houve sempre mas, se magicamente voltasse atrás, nunca teria escolhido algo

diferente.

Wichaya Wongtongcharoen (WW) – Gosto de ler livros com ilustrações bonitas. Também gosto de ver vídeos de animação e de conhecer o processo da sua criação. Portanto, candidatei-me à Faculdade de Artes Visuais da Comunicação, na vertente de Animação. Foi difícil porque havia muito que aprender, como desenho, anatomia, ângulo de câmara e *design* do som, mas foi divertido. Se voltasse atrás, não faria diferente.

Como é que a escolha deste curso na José Afonso foi importante e como influenciou a sua vida pessoal, académica/profissional atualmente? Como relaciona o que está atualmente a fazer com a sua formação na escola secundária/no ensino superior/noutra formação?

AR – Tudo o que aprendi no ensino secundário na ES José Afonso foi-me muito útil no meu percurso académico. Os professores foram espetaculares e tive a sorte de me ter integrado numa boa turma.

AV – Influenciou em muitos



Alice Rolão, 27 anos. Integra o projeto Um Coletivo de Duas, a marca que identifica os seus desenhos e ilustrações. É um projeto de desenho e ilustração, idealizado por mãe e filha.



Bárbara Lopes, 29 anos. Ilustradora / *designer*/ banda desenhada.

aspectos, desde as amizades que formei ao percurso que segui na faculdade e depois na vida profissional. As minhas profissões sempre estiveram ligadas à minha escolha de curso no secundário.

BL – Foi a minha base para um ensino superior em Artes. Continuo na área onde começaram as primeiras avaliações ao meu trabalho.

CT – Como professora de Artes Visuais, muitas vezes, dou por mim a rever mentalmente aulas ou atitudes dos professores que acompanharam a minha jornada e acabo por entender as suas reações em certos momentos. De uma forma ou de outra, todos os meus professores são a inspiração para a forma como dou as minhas aulas.

FA – Se não fosse o curso e os seus professores da ES José Afonso, nunca estaria onde estou hoje. Apesar de o meu curso estar relacionado com moda, nunca tive ensino diretamente focado em *styling*. No entanto, estou muito contente com o meu trabalho atual e por poder trabalhar na área da moda em Portugal.

RF – Pelas pessoas que conheci, pelas ligações que fiz, pelos projetos que iniciei quando aí andava, são demasiados e incontáveis os aspetos que a minha

passagem não só pela José Afonso, mas pelo curso, impactaram na minha vida. A forma como me desenvolvi enquanto pessoa foi algo marcante e um ponto de viragem na forma como encarava tudo em meu redor.

WW – Na Tailândia não há departamento de Artes na escola secundária. Eu estava no departamento de Ciências e Matemática que só tinha uma hora de Artes por semana. A minha profissão ideal era algo mais genérico, como professor. Estudar no departamento de Artes na ES José Afonso, de facto, influenciou-me. Aprendi muitas técnicas e desenvolvi imenso a criatividade. Fez-me descobrir o meu potencial e ganhei confiança para estudar e trabalhar nesta área.

A arte educa, contribui para a formação do indivíduo? A educação pela arte possibilita o desenvolvimento de recursos pessoais para a superação de dificuldades/obstáculos?

AR – A arte requer paciência, calma, raciocínio, atenção, sensibilidade emocional. Ao incentivar a produção artística, a pessoa acaba por aprendê-las ou desenvolvê-las.

AV – A educação pela arte é incrivelmente importante para o desenvolvimento de qualquer criança ou adulto.

Mesmo apenas como passatempo, mesmo que não seja criar, mas apenas apreciar, traz imensa riqueza à vida de qualquer um e à vida e identidade de qualquer país ou comunidade. Seja em que milénio for, onde for, assim que se juntam, ou até sozinhos, os humanos fazem arte. Alguma coisa deve fazer, porque não paramos de a usar no nosso dia a dia.

BL – Acho que todos os indivíduos precisam de uma atividade criativa de «escape». Para alguns pode ser pintar, para outros o teatro ou a música.

CT – A arte é uma grande educadora não só através da história, como também na interpretação dos momentos da vida. O desenvolvimento pessoal do indivíduo passa pela sensibilidade para com o outro, pela paciência do decorrer do tempo e pelo conhecimento adquirido. Todas estas competências se obtêm através da educação pela arte.

FA – Claro que sim! Todas as formas de arte contribuem para o crescimento de indivíduos e uma sociedade mais culta. Quantas pessoas escrevem, pintam, desenhavam, ou compõem como *hobby* pessoal? Muitas mesmo! A educação pela arte é muito importante pelo facto de as pessoas poderem ser expostas a conceitos que

nunca viram e que as podem ajudar a ser melhores colegas, amigas, e a se superarem dia após dia.

RF – Uma das coisas fundamentais para a sociedade é claramente a arte. É algo intrínseco à humanidade e algo que nos acompanha desde os primórdios. Arte é tudo, é história, é passagem de conhecimento, de mensagem de costumes e hábitos, uma forma de transpor o nosso pensamento de uma forma que nem sempre palavras ou outros meios conseguem.

WW – A educação pela arte faz parte da formação individual. Ajuda as pessoas a expressar os seus pensamentos e sentimentos. Também acredito que, através da educação pela arte, as pessoas constroem uma estética na sua mente. Quando as pessoas têm imaginação, criatividade e capacidade de comunicar, terão ultrapassado dificuldades/obstáculos.

O que diria desta ideia: «a vida de artista é difícil, não se consegue sobreviver...»?

AR – A vida de artista não é mesmo fácil. Há a ideia de que trabalho artístico é *hobby* e não um emprego, mesmo que as pessoas consumam arte diariamente (por exemplo, ouvindo música ou vendo filmes). Enquanto a sociedade não

entender a importância da arte no nosso dia a dia, temo que a situação não mude.

AV – É realmente um percurso muito difícil. Mas a precariedade, a insegurança, a falta de oportunidades também se veem nas ciências e nas humanidades. Há muitas maneiras de fazer dinheiro da arte, umas mais acessíveis que outras: há ser artista e ser técnico. Como artista, ilustrador/a tem-se pela frente um percurso muito longo e com muitas dificuldades financeiras, mas que se pode complementar com outras fontes de rendimento, inclusive dentro das artes e da cultura.

BL – É uma área desprezada em Portugal. Isso deve-se à falta de dinheiro, falta de cultura e educação insuficiente. No entanto, penso que para seguir qualquer carreira criativa é sempre preciso muita persistência, resiliência e amor à camisola.

CT – A vida de artista é difícil, mas todas as vidas o são. Para tudo o que fazemos é preciso empenho, esforço e dedicação, senão nunca atingiremos o nosso objetivo, apenas nos adaptamos à sociedade e acomodamos ao facilitismo. Qualquer um, com esforço e dedicação, consegue sobreviver como artista.

FA – A vida de artista não é



Filipa Almeida, 28 anos. *Stylist* / produtora de moda.



Wichaya Wongtongcharoen, 26 anos. *Freelancer* na área de *design gráfico* e de *motion graphic*.



fácil em Portugal, mas também são os artistas os sonhadores perseverantes que raramente desistem do que amam fazer. Apesar das dificuldades, não mudava por nada deste mundo todo o percurso pelo qual passei nem o trabalho que faço. Nós, artistas, somos os sortudos, os diferentes, os que sabem amar a vida e a profissão como ninguém.
RF – É perfeitamente possível fazer mais do que sobreviver e também viver da arte, mas o percurso sim é difícil e a vida de artista *per se* é incrivelmente difícil sem sorte, trabalho e acima de tudo apoio de quem nos rodeia e incentiva a não desistir e a persistir independentemente de todas as adversidades.

WW – A ideia é meia verdade. Hoje em dia, Arte não refere apenas às artes nobres, mas também às artes aplicadas e *design*. Não encontramos arte só nas galerias. A arte está à nossa volta: nos cartazes, na TV, nos videojogos e até num pacote de cereais. Há muitos canais para apresentar trabalho nas redes sociais. A vida do artista pode ser difícil para encontrar o próprio estilo. Pode fazer um trabalho notável, único ou, pelo contrário, trabalho em massa. Se não pararmos de nos desenvolver, se nos adaptarmos aos conhecimentos e competências de tecnologia e usarmos as vantagens dos *media*, podemos ter uma vida boa.



Ana Varela, 28 anos. Estudante de Design, ilustradora *freelancer*.



Catarina Tavira, 26 anos. Mestrado em ensino de Artes Visuais do 3.º ciclo e secundário, *designer de pop ups* numa empresa. Sabias que o carvalho vermelho é considerado uma fonte de reservas energéticas? Isso mesmo! Diminui o stress e ainda atrai boas energias. Na falta de um, mantêm o nosso *magical pop up* por perto!



Rui Carlos Pinto Ferreira, 30 anos. Projetos atuais: Customer Support Representative Apple / Projeto de longa data: Hubris.

A palavra aos alunos de artes (do 10.º I de 2019-2020)

Na abordagem ao tema proposto considerámos que seria interessante integrar as ideias/opiniões dos alunos do 10.º ano do curso de Artes Visuais, para procurar perceber as motivações, as expectativas e as dificuldades de terem escolhido este percurso académico. Queremos salientar a importância do curso de Artes Visuais e da Educação pela Arte, nas suas várias formas e possibilidades na escola, e mostrar a validade

da escolha desse percurso académico para a realização pessoal e profissional. Eis as principais ideias do que eles disseram: A escolha do curso de Artes Visuais deve-se, em primeiro lugar, ao gosto por desenhar e por ser um curso com várias saídas, que dá acesso ao ensino superior para *design* e arquitetura. Em segundo lugar, por ser interessante e por terem tido boas notas a Educação Visual. As expectativas que têm

ao escolher este curso são em acabar o secundário e ir para a universidade e, durante estes anos, obter várias experiências no domínio das artes visuais. Na generalidade os familiares encararam bem a decisão e, apesar de alguns terem reservas, houve respeito pela escolha: «se é o que realmente queres...» A educação artística na escola é muito importante pois sem arte o mundo não seria igual. Contribui para

desenvolver a criatividade e cultivar os alunos, despertando outros gostos e interesses, ajuda a desenvolver as capacidades de interpretação e execução dos desenhos/músicas/teatro. Esta área tem impacto positivo na formação dos jovens, em diversos aspetos, uma vez que a educação artística oferece uma perspetiva diferente, uma abertura na perceção do mundo envolvente, ajuda os alunos a serem criativos. As artes

deixam a escola mais bonita e leve. Os alunos adquirem novos gostos e aprendem coisas novas. Começam a gostar mais de fazer, ver ou ouvir diferentes coisas. Evoluem imenso, desenvolvem sociabilidade e adquirem ferramentas que os ajudam a conhecer-se melhor.



Vhils – Dar vida às paredes com o foco nas pessoas

Alexandre Farto nasceu em 1987. Cresceu aqui no Seixal e foi aluno da nossa escola entre 2001 e 2005. É conhecido mundialmente como VHILS e reconhecido como um dos melhores artistas de *street art* do planeta. Paris, Xangai, Moscovo, Londres, Rio de Janeiro são algumas das muitas cidades que marcou com a sua arte.

Começou a interessar-se pelo *graffiti* desde muito novo e esse interesse levou-o a viajar, espalhando a sua arte por Portugal, pela Europa, pelo mundo.

Fez um curso de Belas Artes em Londres e, a partir daí, o mundo do *graffiti* pareceu-lhe muito fechado, tendo começado a alargar os seus horizontes, passando do *spray* para outros materiais e ferramentas: usa martelos pneumáticos e explosivos e, além das tintas, outros materiais como lixívia, produtos de limpeza, ácidos, café...

É conhecido em todo o mundo pelos rostos que vai esculpindo nas paredes, por escolha sua ou por convite.

A sua arte é, sobretudo, uma forma de intervir no espaço público. Nas suas palavras:

«Quando cravas um rosto na parede, isso tem a ver com as camadas de histórias que estão por detrás e também com a importância das pessoas. Muitas vezes esquecemo-nos disso, olhamos para os números e não para as pessoas. Além de humanizar o espaço público, as caras que deixo nas paredes põem o foco nas pessoas» (revista *Visão*, de 20 a 26 março de 2014).

Colaborou nas comemorações do cinquentenário da escola esculpindo um rosto de José Afonso, em oficina com os alunos de artes.

Alexandre Farto, aka VHILS, 33 anos.
Artista plástico



Alexandre Farto, aka VHILS, com os alunos e professora de Artes, no final da oficina realizada durante a comemoração do cinquentenário da ES José Afonso, em março de 2014

O que é que o levou a escolher o curso de Artes Visuais? Quais eram os seus objetivos quando escolheu o curso de artes? Foram alcançados, houve dificuldades? Se voltasse atrás, faria uma escolha diferente?

Nunca fui propriamente um aluno exemplar, mas a reta final acabou por coincidir com uma fase da minha vida em que encontrei na prática do *graffiti* um escape, um interesse objetivo e criativo para lidar com as ansiedades e inquietações naturais da adolescência. Foi este meu envolvimento com o *graffiti* que me fez decidir escolher a via das artes na escola. Esta escolha não foi exatamente refletida com base em objetivos concretos, mas hoje reconheço que foi uma escolha acertada. No entanto, o que se revelou fundamental foi o apoio que me foi dado pelas professoras Maria Dâmaso e Isabel Vaz que me ajudaram a ver aquilo que eu fazia

como sendo válido e com potencial artístico – ambas são para mim sinónimo da dedicação e do mérito que deve ser reconhecido aos professores em Portugal.

Como é que a escolha deste curso na ES José Afonso foi importante e como influenciou a sua vida pessoal, académica/profissional atualmente? Como relaciona o que está atualmente a fazer com a sua formação na escola secundária/no ensino superior/noutra formação?

Eu costumo sempre dizer, meio a sério meio a brincar, que o *graffiti* foi a minha primeira escola de artes. No entanto, a educação formal teve também, sem dúvida, um papel essencial no meu percurso, sobretudo na capacitação, na valorização do meu trabalho e na maneira como me permitiu ter a autoestima e a confiança para enveredar pelo caminho que escolhi. E tudo isso começou

na ES José Afonso. Foi a partir daí que comecei a fazer convergir a aprendizagem informal e experimental, que eu vinha desenvolvendo através do *graffiti*, com práticas e técnicas artísticas mais formais que me deram outro tipo de entendimento.

A arte educa, contribui para a formação do indivíduo? A educação pela arte possibilita o desenvolvimento de recursos pessoais para a superação de dificuldades/obstáculos?

Sim, sem dúvida. A arte pode ser um excelente instrumento e ferramenta de aprendizagem, de abertura a novas ideias e novas realidades, de educação, de promoção da criatividade, do empreendedorismo e até da cidadania. É importante reforçar o investimento, tanto na arte como na educação, até porque sabemos de forma concreta que o sector cultural traz retorno significativo, quer a

nível económico, quer a nível da criatividade e identidade própria do país.

No entanto, o ensino formal e os modelos de aprendizagem nele seguidos têm por vezes dificuldades em adaptar-se à realidade concreta da vida dos alunos, sobretudo nesta época em que o avanço das tecnologias e os desenvolvimentos culturais são difíceis de acompanhar, absorver e integrar. É importante que o ensino esteja atento às propostas desenvolvidas nos contextos informais, na cultura popular, nas subculturas emergentes, marginais.

O que diria desta ideia «a vida de artista é difícil, não se consegue sobreviver...»?

Viver da arte não é de facto fácil, mas isto também se aplica a muitas outras profissões ou vocações. Acho que viver da arte passa muito pela capacidade de promover o trabalho, de desenvolver

contactos, de saber aproveitar oportunidades sem ter medo de avanços e recuos, de estar disposto a investir e a correr riscos. E, claro, trabalhar muito. A força principal vem sempre de acreditar naquilo que se faz e estar disposto a fazê-lo de forma honesta, mas há um difícil jogo de equilíbrio entre aquilo que se quer fazer e aquilo que nos é ditado pelo mercado, pelos curadores, pelos colecionadores, pelas marcas. O objetivo é conseguir manter ao máximo a nossa integridade e independência face a estas exigências, ao mesmo tempo que se vai insistindo no desenvolvimento de um percurso pessoal que seja satisfatório, original e significativo, tanto para o artista como para a sociedade.

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Escola Secundária Manuel Cargaleiro – uma escola vocacionada para as artes

É consensual na nossa escola, e não só, que a sua vocação para as artes se manifestou logo nos seus primeiros anos de existência.

Em conversa com o professor Manuel Pires, diretor da escola durante vários anos, ficámos a saber que, nos primeiros anos, professores e alunos desenvolveram algumas atividades de embelezamento da escola, como pintura dos vidros das janelas da sala dos professores com motivos alusivos às estações do ano.

A adesão ao projeto Escola Cultural permitiu a muitos alunos e professores integrarem os clubes então criados que desenvolveram inúmeras atividades no âmbito das artes em geral. A que mais se destacou foi a criação de uma galeria de arte que expunha os melhores trabalhos realizados pelos alunos.

O professor Manuel Pires terminou esta pequena conversa salientando a influência que estes projetos exerceram na vida futura dos jovens estudantes, alguns são hoje figuras que se destacam nas artes, fotografia, teatro, arquitetura e comunicação social.

Quisemos saber mais sobre esta vocação da escola para as artes e fomos ter com a professora Maria João Cunha, professora do grupo

de Artes, que nos falou do projeto Humanização dos Espaços Escolares, promovido pelo Ministério de Educação, no início dos anos 1990, em que a escola participou. Na sua opinião, este projeto «foi talvez um dos fatores que mais impulsionou o reconhecimento da importância das artes plásticas na nossa comunidade escolar. A criatividade implícita no trabalho desenvolvido com os alunos nas aulas de artes plásticas dos diversos níveis de ensino que a escola comportava transpôs as paredes das salas e manifestou-se em toda a escola».

A participação neste projeto e em outros de cariz artístico motivou a comunidade escolar a apresentar a proposta de alterar o nome da escola, passando a identificar-se com o rosto de uma personalidade reconhecida, nacional e internacionalmente, o mestre Manuel Cargaleiro, que viveu muitos dos seus anos de juventude nas imediações da escola, onde se localizou o seu primeiro ateliê. Assim, a partir de 24 de novembro de 1994, a nossa escola passou a designar-se como Escola Secundária Manuel Cargaleiro.

A participação no projeto Humanização dos Espaços é a responsável por quase todas as pinturas murais e produtos escultóricos de di-

versos pavilhões da escola, com particular relevância para o pavilhão B, o pavilhão das Artes. Foi também no âmbito deste projeto que surgiu o painel de azulejos do mestre Manuel Cargaleiro, situado à entrada da escola.

A professora Isabel Martins, do mesmo grupo disciplinar, destacou a participação da escola na EXPO '98 com um trabalho tridimensional realizado pelos alunos. «Este trabalho de grandes dimensões esteve patente em Aveiro durante vários dias e, de seguida, foi exposto na EXPO '98».

Além destes, foram muitos os projetos e atividades desenvolvidas que contribuíram para que esta escola fosse reconhecida pela comunidade como uma escola das artes: o Quadro Vivo, intervenção artística que junta a expressão dramática com a pintura, neste caso com exemplos da pintura de Manuel Cargaleiro em que se recriou, ao vivo, um quadro do mestre; a Semana das Artes, posteriormente Quinzena das Artes que desenvolve várias atividades; produtos artísticos desenvolvidos no âmbito dos projetos Em Férias Aprendendo, Escola de Verão, Comenius e, posteriormente, Erasmus+; Aniversário do Patrono, Mestre Manuel Cargaleiro; pinturas mu-

rais (*graffiti*) realizadas no âmbito do Março Jovem; participação no projeto da Associação de Municípios da Região de Setúbal Kid's Guernica.

Outras artes

A escola tem, ao longo dos anos, desenvolvido nos alunos o gosto por outras formas de expressão artística, nomeadamente a expressão dramática. Quisemos saber o que pensa disto a professora Conceição Folgado, uma das criadoras do Grupo de Teatro da escola que nos esclareceu que este grupo foi criado no ano letivo 1988-1989, tendo, ao longo dos anos, representado peças como «Antes de Começar», de Almada Negreiros, «Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente, «A Boda dos Pequenos Burgueses», de Bertold Brecht, o «Príncipezinho», de Saint Exupéry, e tantas outras peças adaptadas pelos alunos.

O projeto foi interrompido durante alguns anos, mas ressurgiu no ano letivo 2013-2014, com um novo nome, Oficina de Expressão Dramática, mas com o espírito de sempre.

Muitas têm sido as atividades desenvolvidas, vários os alunos que nelas têm participado e que têm crescido como cidadãos.

Hoje, apesar da distância a que estamos obrigados, o

espírito mantém-se e a Oficina de Expressão Dramática, revisitando o mestre Gil, prepara um novo trabalho para apresentar à comunidade educativa no final do ano.

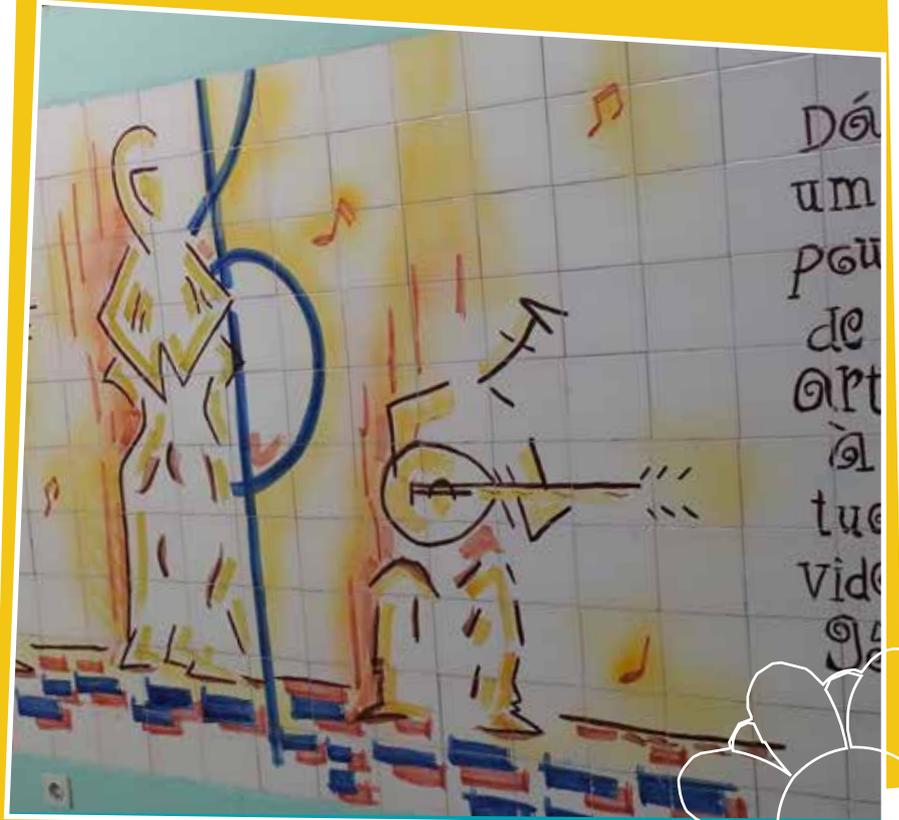
Sendo uma das linhas orientadoras da escola «Garantir a qualidade das aprendizagens, a promoção do conhecimento e da cultura em geral e a educação para a cidadania social intercultural e ambiental», a participação e intervenção dos alunos em projetos de cariz artístico é um grande contributo para o seu sucesso. Estes projetos marcam os alunos para sempre pela positiva. Antigos alunos que participaram neles, quando voltam à escola para nos visitar, recordam com saudade todas estas atividades, querem sempre ver a pintura ou escultura em que participaram e alguns fazem questão de a mostrar aos filhos que os acompanham. Além de participarem trabalhando, os alunos desenvolvem o espírito de grupo, adquirem a responsabilidade de concluir projetos atempadamente e também a satisfação e orgulho ao sentirem o reconhecimento de toda a comunidade escolar.



Projeto de humanização dos espaços - interior do pavilhão B



Projeto de humanização dos espaços



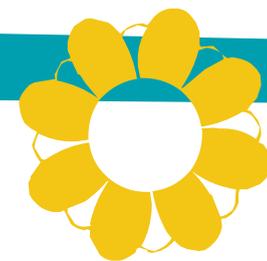
Quadro vivo



Painel de azulejos oferecido pelo patrono



Escola Básica Paulo da Gama



Artes e talentos

No *Jornal Interescolar* de 2016-2017, a nossa ex-jornalista Inês Braga escreveu «As escolas também promovem todo o tipo de arte». A afirmação é verdadeira para o Agrupamento de Escolas Paulo da Gama, onde o desenvolvimento de atividades artísticas tem lugar em projetos de curta ou longa duração, em momentos de celebração de datas ou eventos e nas atividades de desenvolvimento curricular.

No presente número do *Jl* pretendemos ilustrar essa *praxis*, mesmo no período do ensino a distância. O Clube de Artes e Talentos integra um conjunto de clubes que se articulam para a concretização de atividades comuns. Na sua base estão o Clube de Teatro e o Clube da Música.

Pedimos aos professores Leonor Beza e Carlos Reis, que estão na sua origem e que ainda os integram, para contarem a sua história e ouvimos quem pertenceu aos clubes. O Clube de Teatro funciona na escola-sede, tendo uma longa história...

A prof.^a Leonor Beza recorda «Estávamos no início dos anos 1990 quando a escola se alargou ao 3.º ciclo e os alunos do 9.º ano apresentavam à comunidade escolar, no final de cada ano letivo, o “Auto da Barca do Inferno”. Foram representações memoráveis! Em 1997-1998 foi criado o Ateliê de Expressão Dramática, sendo representadas fantásticas peças de teatro, nomeadamente “À Beira do Lago dos Encantos” e “A Farsa de Inês Pereira”.

Desde 2007-2008 que passou a haver o Clube de Teatro para alunos dos 2.º e 3.º ciclos, assistindo-se às representações de “A Menina do Mar” e “O Rapaz de Bronze”.

A partir de 2013-2014 surgiu uma “lufada” de alunos que apostavam mais na representação de peças escritas por si, o que deu azo a inesquecíveis momentos de teatro! Nunca esquecemos os familiares dos alunos e é “da praxe” haver sessões à noite.

E que o Clube de Teatro da Paulo da Gama continue por muitos anos a deleitar alunos, pais e professores!» A aluna Inês Braga integrou o Clube de Teatro no 5.º ano, tendo feito parte do mesmo até ao 9.º ano. «Essa foi uma das melhores decisões que tomei até hoje, não só porque me permitiu descobrir uma paixão incondicional pelo teatro, mas, também por me ter dado a oportunidade de pertencer a uma “família” e de encontrar um lugar em que podia ser eu mesma, sem qualquer tipo de receio.

Foi-me dada a oportunidade de escrever peças, algo pelo qual sou muito grata, de aprender acerca de encenação, mas, principalmente e acima de tudo, de ver o mundo através dos olhos de inúmeras personagens, o que me ajudou a desenvolver mais empatia e compaixão no meu dia a dia. Interpretar uma personagem e dar vida aos seus medos e “fantasmas” ajuda-nos também a compreender e a ver os nossos próprios medos e

problemas de forma diferente. O facto de o teatro nos proporcionar isso é bastante útil na adolescência. Não existem palavras suficientes para descrever o que a minha passagem por este clube e por esta escola significou e significa para mim.

Anseio pelo momento em que o clube de teatro regressasse à sua antiga glória, para que possa tocar e trazer felicidade a novos membros como me trouxe a mim e aos antigos elementos.

No entanto, ficam as memórias de dias felizes em que a arte iluminou, uniu e alegrou a escola!»

De acordo com o prof. Carlos Reis, «O Clube da Música começou há cerca de 20 anos. No princípio, pretendia-se dar resposta aos alunos no aperfeiçoamento do estudo da flauta de bisel e proporcionar a existência do Coro Paulo da Gama, constituído por alunos, professores e pessoal não docente.

Depois iniciou-se uma série de atividades semanais: ateliês de aperfeiçoamento e desenvolvimento da execução musical em flauta de bisel, de sensibilização à prática instrumental e de introdução à informática musical. Muito populares entre os alunos são as sessões de *karaoke* orientado. Este trabalho está na base da participação em espetáculos realizados pelos alunos, contribuindo para o incremento da sua autoestima e do gosto pela escola e permitindo expressarem-se artisticamente, com toda a carga emocional positiva



que isso acarreta. Houve obstáculos pelo caminho, nomeadamente porque as escolas não são bem apetrechadas de equipamentos específicos para a prática musical, mas destaco uma cultura de escola que se foi enraizando ao longo dos anos, com atividades muito procuradas principalmente pelos alunos do 3.º ciclo, que não têm nenhuma disciplina de música.

Talvez um dia, uma organização diferente do currículo e da escola, privilegiando a arte como veículo de criatividade e expressão social, pudesse permitir um maior empenho e crescimento dos alunos enquanto seres humanos.»

Iara André gosta bastante de participar no Clube de Música. «Lá, eu fiz amizades, evolui bastante a minha voz e a minha maneira de ser.

Eu acho muito divertido cantar e ouvir outras pessoas cantar e, sempre que estou no clube, aprendo uma coisa nova. Lamentavelmente, este é o meu último ano na Escola Paulo da Gama, porque estou no 9.º ano e, por isso, é também o meu último ano neste clube. Como estou lá há já bastantes anos, vou sentir muitas saudades de todos. Tenho de admitir que este clube ajudou muito no meu crescimento pessoal.»

Crescer com as artes

Este ano letivo, as professoras Ana Paula Cardoso e Cristina Nogueira iniciaram o desenvolvimento do projeto Crescer com as Artes, que integra o Plano de Ação Estratégica do Agrupamento e o Plano Educativo Municipal. Fomos conhecê-lo, observando uma aula e entrevistando a professora Ana Paula Cardoso.

«As expressões artísticas são importantes no processo educativo, onde o desenvolvimento global é incentivado. A escola deve ambicionar e estimular a descoberta das possibilidades dos vários sentidos, apelar à diversidade e à criatividade.»

O projeto abrange todos os jardins de infância e escolas do 1.º ciclo – no total, 30 turmas, cerca de 600 alunos. «Somos apenas duas professoras com esses alunos, mas todos os seus docentes estão envolvidos. Este projeto pretende que cada turma usufrua, em média, de duas horas semanais, existindo sempre uma parceria e coadjuvação entre o docente dinamizador do projeto, em cada estabelecimento de ensino, e o professor titular de cada turma.»

O projeto integra atividades de expressão dramática, expressão musical, dança, expressão plástica e, também, ioga/ *mindfulness*. «Esta última é uma área nova a explorar este ano e, como vocês puderam ver, tivemos a visita de uma professora externa ao agrupamento que nos vem fazer uma aula por cada turma, para que tanto eu como a outra professora dinamizadora deste projeto possamos replicar na nossa prática pedagógica». «Este projeto começou no ano passado como experiência só na escola do Fogueteiro. Como resultou muito bem, as crianças aderiram muito bem, os pais sentiram resultados relativamente a isso... a pandemia é que veio perturbar um pouco, porque tivemos de ir para casa, mas tentou fazer-se mesmo *online* alguma coisa nesse sentido. Este ano decidimos propor o alargamento às outras escolas e as pessoas aderiram. O ideal seria uma professora por escola, porque acaba por ser muito cansativo, estar numa escola e depois passar para outra e outra...»

«Tendo em conta o *feedback* dos professores, em alguns aspetos o projeto tem excedido as expectativas. Os professores veem as crianças muito mais motivadas.»



Tendo como base a arte, salienta-se a articulação das diferentes áreas do saber, uma vez que é de extrema importância perceber como se relacionam entre si e de que forma são trabalhadas. «Há crianças que muitas vezes têm como a sua área forte a área das expressões» e essas apetências mais fortes na área das expressões podem dar a possibilidade de desenvolvimento e de crescimento também nas outras áreas, «tornar as outras áreas mais agradáveis, mais apelativas.» Quisemos saber como é que os alunos têm reagido. «Muitíssimo bem! Com muita alegria... muito entusiasmo, mesmo! Têm um dinamismo fantástico! Estão sempre predispostos. Quando eu chego a uma porta da sala de aula é uma alegria, até batem palmas: “Chegou a professora de Artes!” E os professores também colaboram muitíssimo.»

O projeto deverá durar, pelo menos, até ao ano letivo de 2022-2023. «É importante que as práticas educativas no ensino se orientem para uma educação em que sobressaia a criação de espaços, tempos e desafios educativos com e através da arte, onde cada criança possa desenvolver o seu potencial em toda a sua dimensão.»

Bruno Sanches, Daniel Santos, Daniela Ramos e prof. Carlos Carrasco



Arte urbana

Os nossos alunos têm sido desafiados a criar arte e a expressar a sua opinião, como a do João Guerreiro, do 7.º ano.

«A arte tem existido ao longo dos anos e tem passado pelos impérios mais poderosos do mundo, como a arte grega, a arte egípcia e a arte romana. Ela pode ser representada de qualquer maneira e pode assumir qualquer forma.

Gostaria de falar sobre um tipo de arte que está neste momento a crescer e que me tem chamado a atenção: a arte urbana. Aprecio especialmente, pois muitas vezes, através do aproveitamento de lixo, o artista consegue obter composições extraordinárias. Por outro lado, preenche áreas da cidade que estavam esquecidas, como muros velhos ou edifícios abandonados.

Uma cidade portuguesa que está neste momento a tornar-se conhecida por este tipo de arte é a Covilhã, com o WOOL | Covilhã Urban Art Festival. Dado o interesse que este tipo de arte tem despertado nos jovens, têm sido desenvolvidas várias atividades na escola, como a pintura de murais ou a criação de objetos de arte com resíduos.» Como escreveu a nossa antiga jornalista Inês Braga no *Jornal Interescolar* de 2016-2017:

«O mundo da arte é maravilhoso e qualquer pessoa que entre nele sabe do que estou a falar. A arte contribui para nos soltarmos e para sermos mais felizes. Experimentem fazer arte. Sei que não se vão arrepender.»



Esther Santos, 5.º ano - turma A

Ateliê de Ilustração (AI)

A disciplina de Ateliê de Ilustração surgiu este ano letivo, no contexto do Plano de Inovação do Agrupamento, implementado em quatro turmas do 5.º ano, durante 50 minutos por semana. Integra, também, os princípios orientadores do projeto HOPEs (Felicidade, Otimismo, Positividade e Ética nas Escolas). Tem como base a abordagem do aluno enquanto ser global, explorando tarefas específicas que prevejam a aquisição de aprendizagens essenciais, como a leitura de diferentes textos literários; a valorização da diversidade cultural patente nos textos; a análise de diferentes narrativas visuais e a expressão de ideias, tendo em conta os meios, os materiais, as técnicas e tecnologias artísticas (pintura, desenho, fotografia, banda desenhada, multimédia, entre outros); a criação e/ou transforma-

ção de narrativas visuais, criando novos modos de interpretação e a justificação da intencionalidade dos seus trabalhos, conjugando a organização dos elementos visuais com ideias e temas, inventados ou sugeridos. A imaginação, originalidade, expressão gráfica, grafismo, criatividade, as emoções, etc... são os «condimentos» principais na organização e dinamização desta disciplina. Todas as ideias/sugestões são valorizadas na perspectiva do trabalho partilhado, na melhoria da autonomia, pensamento crítico e sensibilidade estética e artística.

A opinião dos alunos do 5.º B:

«Gostamos muito da disciplina. Queremos estar sempre presentes, pois sabemos que vamos, além de ler e de conhecer diferentes meios de ilustração, desenhar, ilustrar, criar e pintar. Às vezes também

construímos personagens com as informações que nos são dadas, ou inventamos e, só depois, lhes damos um nome e uma história. Algumas são tão estranhas quanto giras, apelando à nossa imaginação. O Zbirigidófilo (de um conto de Pitum Keil do Amaral) foi uma delas. Criámos os nossos próprios Zbirigidófilos e ficamos muito giro. Gostámos muito desta atividade. Foi mágico imaginar como seria o Zbirigidófilo sem o conhecer. Nesta disciplina podemos, ainda, aprender com os nossos erros, ler diferentes textos e ilustrá-los com diferentes materiais (lápiz de cor, canetas de feltro, aguarelas, guaches, canetas de ponta fina – mágicas, pastéis de óleo e giz, etc.) e várias técnicas. Quando desenhamos podemos “dar asas à imaginação”. Também consideramos esta disciplina importante porque



nela conseguimos obter, sempre, sucesso. Todos somos capazes de executar as tarefas que nos são propostas, o que nos deixa muito felizes. Se melhorarmos no desenho (expressão gráfica), na leitura e na interpretação do que lemos, conseguimos obter melhores resultados escolares. Então, evoluímos todos. A professora dá-nos muitas ideias que nos ajudam a melhorar e a realizar projetos muito criativos.

Gostámos muito, por exemplo, da atividade de ilustração do poema “Dia da Árvore”, de Maria do Rosário Macedo. Lemos o poema baixinho e em voz alta. Depois começámos a ilustrá-lo com muitas ideias, mas o foco esteve na forma da árvore e em tudo o que ela nos dá e proporciona.»

Turma 5.º B
e prof.ª M.ª Cristina Araújo

Arte @ Distância



Mesmo na situação característica do ano letivo passado e do atual, em que o ensino passou por largos períodos de ensino não presencial, muitas destas atividades artísticas continuaram a ser desenvolvidas. A professora Ana Teresa Oliveira conta que, durante os meses de fevereiro e março, quando ainda estávamos todos em ensino a distância, os alunos de três turmas do 7.º ano – A, B e D –, na disciplina de Educação Visual, foram desafiados a analisar e a recriar obras do pintor Vincent Van Gogh e, ainda, a experimentar diferentes

técnicas de expressão, com materiais que tivessem ao seu alcance. Técnicas como aguarela, canetas de feltro, pastel seco, lápis de cor e/ou o simples lápis de grafite inspiraram e deram forma/conteúdo aos projetos artísticos de cada aluno. As formas foram pintadas de acordo com as decisões tomadas por cada um, tendo, em alguns casos, sido preenchida com recurso ao ponto e à linha, numa dinâmica muito interessante. Desta experiência, resultaram «pequenas» obras de arte feitas, com empenho e criatividade, em

diferentes espaços, do outro lado do ecrã. O desafio foi aceite com entusiasmo, tendo sido possível trabalharem-se aprendizagens essenciais importantes para a formação global e integrada do aluno: apropriação e reflexão; interpretação e comunicação e, ainda, ao nível da experimentação e criação. A arte é um veículo privilegiado de aprendizagem, ajudando a melhorar a forma como olhamos, interpretamos e analisamos o mundo.

Alunos das turmas 7.º A, 7.º B e 7.º D e prof.ª Ana Teresa Oliveira



A importância da arte no mundo e na educação

O que é a «arte»? É uma pergunta que precisamos de fazer se queremos perceber porque é que tem tanta relevância. Para mim, é um jogo, é brincar com cores, linhas, palavras, sons, movimentos ... Às vezes transforma-se num fino entrançado de todos os acima. É alegria, é tristeza, saudade, melancolia, êxtase. É um misto, um verdadeiro batido de sentimentos, executado na perfeição mais superlativa. Na minha opinião, isso é arte. Se tem poder suficiente para invocar uma emoção, iniciar uma conversa, ou meramente fazer-nos soltar uma exclamação de surpresa e deleite ao presenciar o tamanho talento demonstrado na obra que estamos a admirar, é arte. E é daqui que vamos partir na nossa viagem.



A nossa primeira paragem, a importância da arte no mundo. Se eu afirmar, como vou, que a arte é importante e mais do que isso, essencial, ergue-se uma importante questão. «Essencial é o ar, a comida e a água. A arte é apenas uma comodidade», oiço o leitor. Será que a arte possuirá mesmo tal distinção? Atrevo-me a dizer que sim. Recordemo-nos primeiro de que a arte é mais do que esculturas e desenhos (apesar de sim, esses terem igualmente uma enorme relevância histórica), é também composta em grande parte pela palavra escrita, por documentos históricos aos quais ninguém pode refutar a importância, e que nos permitiram decifrar os segredos de civilizações antigas. Depois, vamos pensar nas pinturas rupestres, executadas nas paredes e tetos de cavernas há tantos milhares de anos. Realizadas por sociedades nómadas, que decerto teriam mais que fazer do que andar a pintar paredes, porém sentiam o que muitos de nós sentem, uma urgência imperativa de representar o que nos rodeia. Se a água, a comida e o ar permitem a existência, então a arte confere-lhe significado.



A segunda e última paragem, a arte na educação e a sua importância no desenvolvimento de competências básicas. Em 2015, na sua tese de mestrado em Educação Pré-escolar, Raquel Conceição afirma «A educação artística sublinha a importância que a dimensão artística tem para a educação, pois envolve várias dimensões desde biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade de uma forma harmoniosa.» É urgente a mudança no currículo das escolas, é imperativo que comecem a ver a arte como o que é, não uma comodidade, mas como uma forma de expressão e aprendizagem essencial. Muitas vezes Educação Visual, Educação Tecnológica e Música são encaradas como disciplinas menores, ou secundárias, quando devia acontecer o contrário. Como mencionado no excerto da sua tese, Raquel defende um ponto importante. A arte desenvolve todos os aspetos do aluno, ajuda-o a ter raciocínio crítico (a ganhar uma nova perspetiva do mundo e do que o rodeia), a trabalhar melhor em grupo, a controlar as emoções de forma saudável, a estimular a criatividade, a ser mais confiante, feliz, a aumentar a autoestima e até mesmo o gosto pela escola. Infelizmente, até que o Ministério da

Educação entenda isto, poucas mudanças serão feitas. No entanto, cabe também aos professores e à escola promoverem a arte e a educação artística, para que todos possam ter a oportunidade de crescer com a experiência que os diferentes âmbitos artísticos proporcionam. As aulas artísticas não devem ser encaradas como uma extensão do recreio, mas como uma chance de aprender e crescer, e para muitos, inclusive, encontrarem-se a si próprios de uma maneira que não sabiam possível.



Ficha técnica

Agrupamento de Escolas Nun Álvares

Professores e educadores: Patrícia Martins e Manuel Firmo, Sílvia Guerreiro, Graça Gaião

Alunos: Joana Silva, Filipe Pereira, Raíafa Costa, Maria Costa, Pandora Lourenço; Sala B e 4.º A

Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Professoras: Anabela Carreira, Fátima Rodrigues, Isabel Preto

Alunos: Rita Paulino, Leonor Fiães, Inês Costa, Henrique Negri, Afonso Pires, Rodrigo Cunha, Núria Almeida, Matheus Rebelato, Eva Borges, Samir Assunção

Escola Básica Dr. Carlos Ribeiro

Professor: Paulo Rodrigues

Alunos: Catarina Gonçalves, Carolina Ferreira, Carolina Mineiro, Constança Teixeira, Inês Costa, Laura Silva, Leonor Oliveira, Madalena Ribeiro, Mariana Gonçalves, Matilde Matos, Miguel Estremoz, Rita Gonçalves

Escola Básica Paulo da Gama

Professores: Ana Bela Matos, Ana Teresa Oliveira, Carlos Carrasco, Carlos Reis, Leonor Beleza, Maria Cristina Araújo, Zélia Tostão

Alunos: 5.º B, 7.º A, 7.º B, 7.º D, Bruno Sanches, Daniel Santos, Daniela Ramos, Iara André, Inês Braga, João Guerreiro

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

Professores: Carla Carriço, João Casaca, Márcia Poupinha, Maria Carla Crespo, Marisa Silva, Tânia Siopa

Alunos: Ana Azevedo, Ana Lizardo, Ana Luiza Oliveira, Andreia Chaves, Carolina Silva, Beatriz Gueifão, Beatriz Narciso, Beatriz Rito Pereira, Beatriz Simões, Carolina Canário, Carolina Sousa, Catarina Cosme, Cátia Silva, Cibele Campos, Diogo Cruz, Diogo Salvador, Eduardo Rodrigues, Érica Lima, Esperança Neto, Francisco Costa, Gabriela Ferreira, Gonçalo Cardoso, Gonçalo Varela, Guilherme Romeiro, Gustavo Santos, Iara Matheus, Inês Antunes, Inês Celorico, Inês Ferro, Inês Rosário, Inês Silva, Isabel Reis, Ivo Ramos, Jaqueline Simões, Janice Costa, Jéssica Canguia, Joana Rocha, Joana Yan, Joice Quingido, Karen Felipe, Lara Vidigal, Laura Recharito, Leandro Ribeiro, Leonor Ferreira, Leonor Sopa, Letícia Matos, Livia Pedro, Lucas Freitas, Luena Soares, Madalena Rodrigues, Margarida António, Mariana Elisiário, Mariana Rodrigues, Marlene Daniel, Matilde Cerqueira, Matilde Poeriras, Micael Pereira, Michelle Matos, Miguel Raposo, Mónica Nunes, Núria Capote, Rafael Ribeiro, Raíafa Martins, Ryan Vasconcelos, Sara Moreira, Simone Costa, Sofia Batista, Sofia Marçal, Soraia Évora, Telma Carvalho, Thais Silva

Escola Secundária de Amora

Professora: Fátima Beicinha
Alunos: Lara Evangelista, Marisa Marques, Queven Pereira, Sebastião Gonzaga, Mariana Santos

Escola Secundária Dr. José Afonso

Professoras: Alice Santos, Dora Pinheiro, Maria Jesus Dâmaso
Alunos: Beatriz Major, Iara Solipa, Inês Cid, Margarida Custódio, Margarida Oliveira, Mariana Garcia, Mariana Pombo, Yasmine Agrela

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Professores: Luísa Pereira, Júlia Freire, Aurora Tavares, Jorge Duarte
Alunos: Diego Bigott, Cátia Dâmaso, Fábio Silva, Filipe Pamplona, João Santana, João Teixeira, Lara Salvadinho

Escola Básica Carlos Ribeiro



Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Escola Secundária Dr. José Afonso



Escola Básica Dr. António Augusto Louro



Escola Básica Paulo da Gama



Escola Secundária de Amora



Escola Básica Nun'Álvares

